

O entrelaçar entre Brasil e Cabo Verde: uma análise afropolitana de *Você, Brasil*, de Jorge Barbosa (1956)

Mary Cristina Rodrigues Diniz*

Rita de Cássia de Oliveira**

Resumo

Este estudo visa evidenciar o pensamento afropolitano presente nos versos do poema *Você, Brasil*, de Jorge Barbosa (1956), tendo em vista as relações, por vezes, de semelhanças entre Brasil e Cabo Verde, país africano que, assim como os demais países do continente, obteve sua independência proclamada tardiamente. Tal situação refletiu no processo artístico e cultural do continente que buscou sua identidade e corrente filosófica de modo a se desprender da Europa. Esta pesquisa, calcada em análises bibliográficas, traz como aporte teórico, além de Mbembe (2015), Monteiro (2020) que explicam a existência de uma filosofia diferente da filosofia de centro ou colonial de dominação e apontam o resgate de uma identidade roubada e uma identidade em construção, que, em relação ao poema caboverdiano, propõe uma reflexão acerca de uma aproximação entre países focos de exploração do período colonial, como Brasil e Cabo Verde bem como a países colonizadores como Portugal, apresentando marcadamente relações culturais, o que leva a abordagem teórica de Laranjeira (1985) e Santos (1989) que discutem acerca da literatura caboverdiana, desenvolvida e cercada por aspectos europeus, assim como a brasileira, sendo

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Estudos teóricos e críticos em Literatura pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora de Língua Portuguesa rede básica de ensino do município de Açailândia, Ma. <https://orcid.org/0009-0005-5211-7379>

** Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada do Departamento de Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). <https://orcid.org/0000-0001-9322-3972>

que a literatura brasileira buscou sua liberdade de pensamento, de um tecer literário, apresentando a realidade do seu povo. Este trabalho ainda busca a contribuição de estudos sobre a temática e reportagens que, assim como a corrente filosófica afropolitana, ajudaram na compreensão desse emaranhado cultural.

Palavras-chave: Afropolitanismo; Cabo Verde; Brasil; literatura.

The intertwist between Brazil and Cape Verde: an afropolitan analysis of *Você, Brasil*, by Jorge Barbosa (1956)

Abstract

This study aims to highlight the Afropolitan thought present in the verses of the poem "*Você, Brasil*" by Jorge Barbosa (1956), considering the sometimes similar relations between Brazil and Cape Verde, an African country that, like other countries on the continent, gained its independence belatedly. This situation is reflected in the artistic and cultural process of the continent, which sought its identity and philosophical current to detach from Europe. This research, based on bibliographic analyses, uses as theoretical support, in addition to Mbembe (2015), Monteiro (2020), who explain the existence of a different philosophy from the central or colonial philosophy of domination and point to the recovery of a stolen identity and identity under construction, which, about the Cape Verdean poem, proposes a reflection on a rapprochement between countries that were the focus of exploitation during the colonial period, such as Brazil and Cape Verde, as well as colonizing countries like Portugal, presenting markedly cultural relations.

This theoretical approach leads to Laranjeira (1985) and Santos (1989), who discuss Cape Verdean literature, developed and surrounded by European aspects, similar to Brazilian literature, which sought its freedom of thought and literary weaving, presenting the reality of its people. This work also seeks the contribution of studies on the theme and reports that, like the Afropolitan philosophical current, helped understand this cultural entanglement.

Keywords: Afropolitanism; Cape Verde; Brazil; literature.

Recebido em 29/07/2024 / Aceito em 1/12/2024

Introdução

Brasil e Cabo Verde são nações com muitas semelhanças culturais, ambas tiveram seu povo subjugado a um processo de dominação europeia, em que culturas ancestrais precisaram dar lugar para o desconhecido, de forma violenta. Essa relação entre esses países inspirou esta pesquisa no sentido de abordar uma análise afropolitana, de Achille Mbembe, corrente filosófica africana que pensa a África com o intuito de ultrapassar as ideias de um passado fixo e de uma identidade presa a ele, de modo a apresentar um mundo em que as pessoas sintam-se consideradas protagonistas das suas próprias histórias, não anulando as ideais afrocentristas que trabalharam rigorosamente no resgate histórico cultural de uma civilização após séculos de escravidão.

Nesse estudo, será observado o Afropolitanismo presente no poema *Você, Brasil*, de Jorge Barbosa, que foi publicado em 1956, 19 (dezenove) anos antes da independência de Cabo Verde, período em que seu povo já se encontrava em movimento pró-independência e em que muitas produções literárias serviram de registros desse movimento e desejo desse povo. Alguns desses registros receberam destaque na *Revista Claridade*, veículo comunicacional em que muitos poetas e autores viram como um espaço de debate, de divulgação de suas produções já contrárias ao aspecto de produzir e pensar europeus, e em que Jorge foi “o primeiro autor individual a afirmar-se como produtor de uma nova poética, fundando assim a estética da modernidade literária caboverdiana, com a publicação de *Arquipélago*” (Santos, 1989, p. 15).

Nascido em Praia capital do país, em 1902, faleceu a poucos anos da independência de Cabo Verde, em 1971, em

Portugal, porém sua produção representa um dos marcos da literatura caboverdiana, que, assim como o *Movimento Moderno* no Brasil, buscou romper com os modelos literários europeus, valorizando a cultura viva, a memória dos caboverdianos, bem como uma relação intrínseca, chegando a ser fraternal com o Brasil, preceitos que fundamentam o Afropolitismo.

A relação entre Brasil e Cabo Verde foi evidenciada por Ribeiro Couto em uma carta ao escritor Manuel Lopes sobre uma opinião acerca das duas primeiras publicações na *Revista Claridade*:

Sr. Manuel Lopes,

Creio que é ao Osório de Oliveira que devo a remessa, que me foi feita do 1.º e agora do 2.º número de “Claridade”. Isto é, devo-a ao senhor, mas por indicação do Osório. [...] acompanho com o máximo interesse o enriquecimento literário e o “caso” histórico-social de Cabo Verde... Vejo com grande alegria que os seus poemas, como os de Jorge Barbosa e os de Osvaldo Alcântara, apresentam as mais íntimas afinidades com a poesia brasileira do chamado “Movimento moderno”, cujos livros, pelo menos nos extratos publicados na imprensa, devem conhecer. Oportunamente, e sobretudo quando reúna documentação maior, hei-de-me referir, em artigo ou em livro, a esse fenómeno de fraternidade, a tão grande distância. Salta aos olhos que a literatura do grupo de “Claridade” está mais perto do Brasil do que de Portugal (Couto *apud* Santos, 1989, p. 207-208).

Nessa carta, há uma referência às semelhanças entre Brasil e Cabo Verde e à declaração acerca de uma fraternidade que une essas duas nações pelo aspecto literário, além disso revela que a aproximação entre o fazer literário, presente nos autores da *Claridade*, em relação ao Brasil, é maior do que com Portugal. Ademais, sobre Jorge Barbosa, Ribeiro Couto ainda produziu um poema, em resposta ao que conhecia sobre o poeta caboverdiano, o qual será retomado mais adiante.

Dessa forma, este estudo tem como roteiro uma abordagem acerca do Afropolitanismo, seguida de uma breve análise da produção de Jorge Barbosa, envolvendo sua relação com escritos de autores brasileiros como Manuel Bandeira, encerrando com a análise do poema *Você, Brasil*, associando aos preceitos do Afropolitanismo presente nos versos que expõem a proximidade existente entre Brasil e Cabo Verde, enquanto países colonizados que lutam diariamente contra as chagas da escravidão e que apresentam uma cultura viva.

A filosofia africana: o Afropolitanismo de Achille Mbembe

A Filosofia é um conhecimento do pensar, do refletir sobre as diversas problemáticas existentes em uma comunidade, porém cada comunidade possui preceitos culturais que influenciam sua ação filosófica, e isso significa que cada comunidade possui uma filosofia própria. O problema é que por séculos se tinha a filosofia ocidental, europeia, como destaque e como dominante. Felizmente, embora tardio, outras filosofias que divergiam desse caráter dominante da ocidental começaram a se destacar, é o que afirma Monteiro (2020) sobre a filosofia africana.

A filosofia africana é parte do corpo do que se convencionou chamar filosofia da modernidade. Para lembrar: esse período compreende desde o movimento renascentista até o marco histórico da tomada da Prisão da Bastilha pelos revolucionários franceses, em 1789. [...] A filosofia africana é dita moderna porque desponta como crítica ao processo colonizador e escravizador iniciado a partir da expansão comercial europeia (Monteiro, 2020, p. 38).

A filosofia africana surgiu como necessária para se discutir a situação que a população africana passou a viver com o intenso processo de escravização. Logo, a filosofia africana é um exemplo de Filosofia da Libertação que se é discutido por Dussel (1977), tendo em vista que o autor enfatiza a ideia de libertação analisando o caráter de dominação de alguns grupos e o de submissão de outros. Isso porque ele toma como fundamento os conceitos de totalidade, exterioridade, alienação, mediação, proximidade e libertação. A totalidade é representada pela vontade sem escrúpulos do colonizador de possuir, o que faz se julgarem detentores do poder. A exterioridade é voltada para quem está de fora desse núcleo de dominação, o outro, o que vive sem os privilégios e por isso vivencia o processo da alienação, não sendo visto como sujeito e sim objeto de manipulação. Já na discussão sobre proximidade, observa-se uma relação do conceito com a fraternidade, não se tratando necessariamente do aspecto físico, mas do comungar do mesmo ideal. As mediações são os entes, os objetos usados para se chegar a um objetivo (Dussel, 1977, p. 35).

Nesta breve análise dos conceitos citados, ao se pensar a Liberdade percebemos haver uma crítica ao processo de colonização vivenciado por muitas nações que tiveram suas riquezas e seu povo explorados, culturas forçosamente impostas pelo colonizador que não mediu esforços para extinguir as originárias. Nessa perspectiva, Ivan Monteiro (2020), em *Introdução ao pensamento filosófico africano*, aponta uma relação ao que Dussel defende quando trata dos pilares da filosofia africana que estão calcados na diáspora negra, no conceito de Negritude e no Pan-africanismo, ponderando a história e a circunstância do povo negro em contextos que

envolvem a depredação material e cultural do continente, constituindo um ato de se fazer uma brecha numa bolha cultural construída no processo escravizatório, que assume uma postura intelectual distinta do que foi imposto como lógica dominante (Monteiro, 2020, p. 39).

Esse modo de pensar o povo africano e toda uma história inferiorizada pelo sistema colonizador passou a ser ponto fundamental de resgate de uma identidade forçosamente perdida e de uma identidade em construção, destacando-se os campos literário e político nos quais os conceitos da tríade que estruturam a base da filosofia africana não se prendem apenas ao passado desse continente, mas também às questões presentes e futuras, abrindo um espaço de discussão amplo. Dessa forma, a Diáspora negra apresenta a cultura negra que passou pelo processo de realocação e da imposição de uma cultura em detrimento da sua, o que induz um movimento de volta às suas raízes, valorizando-as; o conceito de Negritude é voltado para a ideia de identidade, na criação de uma relação de pertencimento, elo que o povo da diáspora precisa fazer para se reconectar; o Pan-africanismo é tido como um movimento de conscientização para a libertação do domínio colonialista em todas as esferas e o Afropolitanismo,

[...] uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo. É uma maneira de ser no mundo que recusa, por princípio, toda forma de identidade vitimizadora, o que não significa que ela não tenha consciência das injustiças e da violência que a lei do mundo infringiu a esse continente e a seus habitantes. É igualmente uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral (Mbembe, 2015, p. 70-71).

A citação acima, extraída de um artigo de Achille Mbembe da revista *Áskesis* (2015), aponta uma discussão

acerca do termo que é fruto dos princípios da Negritude e do Pan-africanismo, mas que possui uma essência própria, uma forma diferente de pensar a África em relação ao mundo que “deixa de ser, em si, uma ameaça”, que apresenta “uma vasta rede de afinidades”. Nesse sentido, a identidade africana não se isola ao passado, mas a um “devir” que se nutre das diferenças “entre os negros, tanto do ponto de vista étnico, geográfico, como linguístico, e de tradições herdeiras do encontro com Todo o Mundo” (Mbembe, 2014b, p. 166-167).

Desse modo, o Afropolitanismo se configura com o objetivo de relacionar a África com o mundo, mas não de modo submisso. Essa relação tem como princípio reconstruir um passado africano, marcado pelo Ocidente, primando pela descolonização, que tende a proporcionar a circulação plena entre os povos, o que pode fazer com que se tenha um conhecimento mais amplo do continente africano como um todo que possui países com características próprias, como é o caso de Cabo Verde, facilitando o acesso à modernidade.

O filósofo Achille Mbembe, africano camaronês, vê o Afropolitanismo como uma estética que analisa a África e o africano, ultrapassando “uma identidade perdida a ser reencontrada e de um constante resgate dos valores, civilizações e origens”. Nesse sentido, manter um pensamento fixo nas correntes filosóficas de resgate cultural, mantém o mundo preso a um conceito de “sujeito africano imóvel, imutável” (Dem, 2017, p. 26). É claro que não se está negando a importância que essas correntes representam.

Uma análise afropolitana mantém um diálogo constante com o Outro a partir de si e entre “mundos”, onde não nega o passado histórico de um encontro violento, mas pensa esse

passado, projetando o futuro que corresponde a uma visão para o mundo e vice-versa. Esse pensar político filosófico também se encontra presente no campo literário como será observado no poema *Você, Brasil*, do poeta caboverdiano Jorge Barbosa que tece um diálogo entre Cabo Verde e Brasil, visualizando um país no outro a partir de si.

Jorge Barbosa, poeta do arquipélago

O poeta Jorge Vera-Cruz Barbosa foi um dos precursores da produção literária de Cabo Verde com a também participação na criação da *Revista Claridade*, veículo que proporcionou a expansão dos textos literários caboverdianos para o mundo, proporcionando uma abertura do Afropolitanismo de Mbembe. Teve sua primeira obra, *Arquipélago*, publicada em 1935 e constitui um marco para o país, pois a partir dela se pode falar do Cabo Verde com consciência das realidades étnico-sociais culturais do seu povo, enfatizando uma literatura que rompe padrões europeus, pois antes disso o que se tinha era uma dependência dos países colonizadores no entender linguístico e literário portugueses. Nesse sentido, o crítico Laranjeira (1985) afirma que:

a literatura – ou melhor, a sublitteratura colonial ou colonialista, tentou sempre, em vão, manter a paternidade ou familiaridade dessa nova literatura africana, usando todos os meios ao seu alcance para reagrupá-la no redil das ovelhas inofensivas: antologando-a amputada das suas partes mais ostensivamente ofensiva, incluindo-a em contextos antológicos deturpadores da sua autenticidade ou ferocidade vanguardista, atribuindo prémios a epígonos de fácil prosódia, promovendo a ascensão de uma caterva de escritores mal pensantes e

mal escreventes, enfim, procurando submergir as novas literaturas num banho opaco de textos e infidelidades textuais, subvertendo o seu poder de trans-agressão, de produtividade, de revolta contra a possessividade metropolitana [...] (Laranjeira, 1985, p. 11).

Essa afirmação revela o perfil ardiloso do colonizador em estereotipar o fazer literário africano (de domínio de português) que tentava uma autonomia ainda sendo colônia. Nesse sentido, pensamentos questionadores, como as correntes filosóficas africanas, foram de suma importância para o rompimento com a relação de submissão que a África mantinha com o colonizador. E, em se tratando de uma Literatura Africana, ajudaram a representar o sujeito africano a partir de si, como fez Jorge Barbosa.

Logo após a publicação de *Arquipélago*, no início do ano de 1936, Jorge uniu-se a Manuel Lopes e Baltazar Lopes, que eram leitores de obras brasileiras realistas e modernas, e fundaram o movimento moderno da Literatura de Cabo Verde com a criação da Revista Claridade (Revista de Letras e Artes) que passou a ser vista como “uma revista extraordinariamente moderna para o seu tempo, antecipadora de tendências e movimentos que só muito mais tarde se revelarão em outras literaturas africanas de língua portuguesa”. (OLIVEIRA, 2012, nota 1, p. 85), evidenciando “uma cultura transnacional”, um entrelaçar cultural de tendência afropolitana (Mbembe, 2015, p. 71).

O desejo em ver Cabo Verde livre do sistema colonizador, que destruíra ainda mais o país e colocou a população em uma situação precária de vida, motivou a aproximação do fazer literário de Jorge Barbosa com a literatura brasileira, mesmo nunca tendo visitado o Brasil.

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional, como os irmãos africanos de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné Bissau – evidenciaram a determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado (Gomes, 2008, p. 112).

Nesse sentido, a literatura brasileira apresentava características muito próximas do que era vivenciado pelos caboverdianos, o que fez essa relação ser de irmandade, não fazendo sentido ter uma proximidade com Portugal, por exemplo, mas não a ignora. Essa relação retoma a noção de “circulação dos mundos”, no aspecto da imersão de um “ser-mundo” no Outro (Mbembe, 2015, p. 70). Jorge, com a criação da *Revista Claridade* e sua comunicação com poetas brasileiros proporciona essa circulação ainda de modo ingênuo.

José Osório, poeta e crítico português, declara em uma publicação na *Revista Claridade* que Cabo Verde precisava de um modelo de literatura que Portugal não podia fornecer, mas que o Brasil concedeu e completa:

As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdeanos para compreender, sentir e amar a nova literatura Brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso, pelos novos ensaístas Brasileiros, os caboverdeanos descobriam o seu caminho (Osório, 1936 *apud* Oliveira, 2010, p. 4).

As produções caboverdianas, a partir de então, passam a tratar do seu povo, da sua terra, destacando seus aspectos geográficos, sociais, econômicos, culturais, o que revela uma relação de pertencimento, coletividade e expõe um desejo

de fuga, uma fuga daquele mundo para conhecer o Outro. E, entendendo Cabo Verde como um arquipélago composto por 10 ilhas distribuídas no Oceano Atlântico, se tem a ideia de solidão que muitos cidadãos sentem por não ter outra saída a não ser ficar em seu país e lutar como pode, o que aconteceu com o Jorge Barbosa, por exemplo. Tal fato pode ir ao encontro do que preconiza o Afropolitanismo, ao entender a circulação dos mundos fisicamente, e a *Revista Claridade*, enquanto veículo comunicacional, proporcionou o encontro desses mundos.

O arquipélago Cabo Verde foi colônia de Portugal, porém seu processo ocorreu de forma diferente, as ilhas se encontravam desabitadas, ou seja, foi literalmente descoberto. O registro desse acontecimento foi evidenciado por Jorge Barbosa em *Prelúdio* (1956):

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
Nem homens nus
Nem mulheres nuas
Espreitando
Inocentes e medrosos
Detrás da vegetação

Nem setas venenosas vindas do ar
Nem gritos de alarme e de guerra
Ecoando pelos montes.

Havia somente
as aves de rapina
de garras afiadas
As aves marítimas
de voo largo
As aves canoras
assobiando inéditas melodias.

Cabo Verde, então, em relação ao Brasil, apresenta essa diferença quanto a sua descoberta, com a ausência de povos

originários, porém o processo de exploração da terra foi igual, servindo principalmente de entreposto comercial para tráfico de escravos, o que despertou em Jorge Barbosa uma admiração pelo Brasil e pelo povo brasileiro que conquistou sua independência 153 anos antes que Cabo Verde. Jorge não conheceu o Brasil pessoalmente, não tinha condições para tanto, apenas saiu de Cabo Verde para Portugal ao final de sua vida onde foi tratar um problema de saúde, vindo a falecer pouco tempo depois.

Hoje a produção de Jorge Barbosa representa um ponto chave que abriu espaço para a produção não apenas caboverdiana, mas para todo o continente africano, uma produção com ideias que ultrapassam o teor de resgate, de valorização do sujeito e do continente, apresentando uma abertura para o mundo, principal pilar do Afropolitanismo.

Análise do poema *Você, Brasil*: diálogo poético entre Cabo Verde e Brasil através do Afropolitanismo

Leitor da Literatura Brasileira, Jorge Barbosa representou sua admiração nos poemas *Carta para o Brasil* (1956), *Você, Brasil*, *Palavra Profundamente* (1993) e *Ocorrência em Birmingham* (1993), todos com uma relação à alguma produção ou escritores como Manuel Bandeira e Oswald de Andrade, o que vai ao encontro com a corrente filosófica africana Afropolitanismo. No poema abaixo, observa-se uma relação entre os poemas de Jorge e Manuel como se uma correspondesse a outra.

Ocorrência em Birmingham

John
de Birmingham
Alabama
USA

entrou na tabacaria.
Foi insultado
soqueado
expulso.
Na rua
o polícia
espancou
derrubou
cuspiu
prende o desordeiro.
Negro safado!
(Barbosa, 1993, p. 148).

O poema acima apresenta uma problemática social em texto poético, apresentando o modo como o negro é tratado dentro e fora da África, com destaque para o negro que se encontra na América, mais especificamente no estado de Alabama, Estados Unidos. Ademais se observa outro ponto na escrita de Jorge Barbosa quando o eu-poético menciona apenas o primeiro nome do negro, Jonh, um nome bastante comum na região, o que dá a entender a invisibilidade que o povo negro sofre até mesmo quando se sofre uma violência em um país já independente. Essa produção, tão representativa do poeta caboverdiano, tem semelhança com o texto literário “*Poema tirado de uma notícia de jornal*”, de Manuel Bandeira (1930) no que tange à abordagem de uma situação cotidiana estruturada numa composição de versos livres.

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão [sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu
afogado.

O poema trata de um feirante morador de uma periferia que se suicidou. Numa análise mais atenta, o eu-poético menciona no segundo verso o nome do bar *Vinte de Novembro*, destacando a data da morte de Zumbi dos Palmares e quando se comemora a Consciência Negra. João tem um fim triste, não há indícios de violência como a que John sofreu, porém com relação ao seu nome há a ideia pejorativamente sexual desse homem. Além disso, assim como John, João não pode ser considerado um sujeito nomeado, tendo em vista que João é um nome comum no Brasil, assim como John o é nos Estados Unidos, mantendo a ideia da invisibilidade que ambos criticam.

Ao manter essa relação com o poema bandeiriano, Jorge Barbosa inova, relacionando um eu-poético negro com o negro que habita nos Estados Unidos, conduzindo um tecer literário transnacional, afropolitano, o que une Cabo Verde, Brasil e Estados Unidos, tratando de uma denúncia temática comum a esses países.

Como já foi apresentada de forma breve a relação da produção de Jorge Barbosa com o Brasil, com influência do pensamento afropolitano, este artigo propõe agora a análise do poema *Você, Brasil* composto por oito estrofes, publicado em 1956. No poema há uma relação entre Brasil e Cabo Verde distribuída em versos livres e brancos, expondo a irmandade entre brasileiros e caboverdianos e evidenciando a noção de transnacionalidade.

Eu gosto de você, Brasil,
porque você é parecido com a minha terra.
Eu bem sei que você é um mundão
e que a minha terra são
dez ilhas perdidas no Atlântico,
sem nenhuma importância no mapa.
Eu já ouvi falar de suas cidades:
A maravilha do Rio de Janeiro,
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Bahia de Todos-os-
Santos.
Ao passo que as daqui
Não passam de três pequenas cidades.
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,
mas Você é parecido com a minha terra.

Na primeira estrofe do poema, o eu-poético já começa a traçar as diferenças entre Brasil e Cabo Verde. Aponta a característica geográfica de ambos quanto à extensão, mesmo assim, evidencia no segundo e décimo terceiro versos o fato de o Brasil se parecer com a sua terra. Há no título do poema uma declaração a um vocativo, um chamamento, como se estivesse tecendo um convite ao leitor a viajar pelo Brasil através de seus versos. Nessa perspectiva, há na estrofe características da filosofia africana, no que se refere à Diáspora negra devido o eu-poético considerar o Brasil semelhante à sua terra, pois tal pilar refere-se às vivências de etnias espalhadas pelo mundo por causa da escravidão, e o Brasil foi o país que mais recebeu africanos escravizados (Monteiro, 2020, p. 41); há também um reflexo do Afropolitanismo ao modo como o eu-poético passeia pelos estados brasileiros, e, apesar de considerar sua terra sem importância, evidenciando a pobreza, nos versos há um processo de circulação entre mundos.

A segunda estrofe continua a enfatizar que há semelhança entre Brasil e Cabo Verde, agora destacando o povo em um aspecto cultural do ser, pois aponta que a formação etnográfica

das duas nações foi estruturada no processo de colonização em que o povo originário de cada um se misturou com o povo de países europeus:

E o seu povo que se parece com o meu,
que todos eles vieram de escravos
com o cruzamento depois de lusitanos e estrangeiros.
E o seu falar português que se parece com o nosso falar,
ambos cheios de um sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua,
de alongamentos timbrados nos lábios
e de expressões terníssimas e desconcertantes.
É a alma da nossa gente humilde que reflete
A alma das sua gente simples,

Nos versos 4, 5, 6, 7 e 8, o eu-poético faz uma referência à semelhança mais comum e evidente entre os dois países: a Língua Portuguesa, idioma do colonizador, que foi imposto para as línguas originárias de modo a criar uma maneira específica de comunicação que facilitasse o processo de exploração das terras para o comércio. Essa relação com a Língua Portuguesa entre os países, em que o português falado possui “sotaque vagaroso”, “sílabas pisadas”, “alongadas e timbrando nos lábios” revela que o falar de ambos possui características diferentes que envolvem marcas da oralidade de origem africana e, no caso do Brasil, indígena também. Esse ser revelado através da linguagem resgata outra característica afropolitana, o ser africano passível de mutação, uma identidade que se configura com o tempo e com as mudanças da sociedade.

Na terceira estrofe, há outra característica que relaciona Brasil e Cabo Verde pelo processo de colonização, com uma visão afropolitana:

Ambas cristãs e supersticiosas,
sortindo ainda saudades antigas

dos sertões africanos,
compreendendo uma poesia natural,
que ninguém lhes disse,
e sabendo uma filosofia sem erudição,
que ninguém lhes ensinou.

Nos versos da estrofe acima há a apresentação da religião cristã, imposta no processo de colonização, e as religiões de matriz africana que se mantiveram vivas pelo sincretismo religioso. Além disso, no sexto verso da estrofe, observa-se um destaque para a filosofia dos dois povos que existe “sem erudição”, mas que não foi ensinada, foi vivenciada pelas gerações nas narrativas orais tradicionais como forma de sobrevivência e de enfrentamento ao domínio do colonizador. Tal mistura cultural é destaque também no Afropolitanismo, pois os continentes, América e África, possuem histórias culturais que não podem ser entendidas fora do padrão da itinerância.

Na quarta estrofe observa-se outra semelhança cultural, a música, em que os sons da Morna lembram, como afirma a jornalista brasileira e pesquisadora da música caboverdiana Glauca Nogueira, “o samba-canção ou as músicas antigas de seresta” (Globo, 2012).

E gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas.
dos seus cateretês, das suas toadas de negros,
caiu também no gosto da gente de cá,
que os canta dança e sente,
com o mesmo entusiasmo
e com o mesmo desalinho também...
As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,
fazem lembrar as suas músicas,
com igual simplicidade e igual emoção.

Os versos acima enfatizam como o eu-poético se sente ao ouvir o samba, as toadas dos negros brasileiros que se

assemelham aos sons caboverdianos. É um resgate que se faz da cultura que vive e se refaz de acordo com a filosofia africana afropolitana, que dá ênfase ao sentimento de pertencimento e de circulação entre mundos, como se os dois países fossem um.

A quinta estrofe volta a repetir o verso “Você, Brasil, é parecido com a minha terra”, apontando uma semelhança com relação ao clima, seguida de uma diferença novamente em razão do espaço geográfico:

Você, Brasil, é parecido com a minha terra
as secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há no entanto uma diferença:
é que os seus retirantes
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...

O eu poético, ao citar as secas do Ceará, relaciona-as aos períodos de estiagem que o povo caboverdiano vive, mas aponta que os brasileiros têm outros caminhos como fuga, caminhos que os caboverdianos não possuem, tendo em vista que Cabo Verde é todo formado por ilhas no Oceano Atlântico e os desastres naturais são comuns devido a essa localização. Jorge mantém, mesmo com essas diferenças, a imersão de um país no outro.

Seguindo a análise, a sexta estrofe segue apontando características culturais entre Cabo Verde e Brasil, mais uma vez envolvendo momentos de festa:

Nós também temos a nossa cachaça,
O grog de cana que é bebida rija.
Temos também os nossos tocadores de violão
E sem eles não havia bailes de jeito.
Conhecem na perfeição todos os tons
e causam sucesso nas serenatas,
feitas de propósito para despertar as moças

que ficam na cama a dormir nas noites de lua cheia.
Temos também o nosso café da ilha do Fogo
que é pena ser pouco,
mas — você não fica zangado —
é melhor do que o seu.

A estrofe acima aponta que os caboverdianos também possuem “cachaça”, “tocadores de violão” e o “café” que afirma ser melhor que do brasileiro. Nos versos, fica evidente a valorização do poeta pelos elementos de sua terra, fazendo um passeio pelo Brasil, característica firme da visão afropolitana que vê nessa mobilidade “uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral”. (Mbembe, 2015, p. 70-71).

Na estrofe seguinte, há menção a um poeta brasileiro que Jorge Barbosa gostaria de conhecer e que o eu-poético apresenta nos versos com muita ternura, Ribeiro Couto:

Eu gosto de Você, Brasil.
Você é parecido com a minha terra.
O que é é tudo e à grande
E tudo aqui é em ponto mais pequeno...
Eu desejava ir-lhe fazer uma visita
mas isso é coisa impossível.
Eu gostava de ver de perto as coisas
espantosas que todos me contam
de Você,
de assistir aos sambas nos morros,
de esta cidadezinha do interior
que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,
de me deixar arrastar na Praça Onze
na terça-feira de Carnaval.
Eu gostava de ver de perto um luar no Sertão,
de apertar a cintura de uma cabocla — Você deixa? —
e rolar com ela um maxixe requebrado.
Eu gostava enfim de o conhecer de mais perto
e você veria como é que eu sou bom camarada.

Além de Ribeiro Couto, o eu poético deseja conhecer o Brasil, seu Carnaval, o sertão brasileiro, os sambas nos morros do Rio de Janeiro, mas não pode, não tem condições para isso. Ademais, o desejo de sair para conhecer o Outro, enquanto país ou ser, não quer dizer negar o que se é, nem tão pouco seu lugar, sua história, quer dizer um sair para experienciar, conhecer, de modo a permitir uma incalculável riqueza do olhar e da sensibilidade do entorno.

Ribeiro Couto, já mencionado neste artigo, foi escritor, funcionário da embaixada brasileira em alguns países da Europa e um grande divulgador da literatura brasileira em Cabo Verde entre 1930 e 1940. Tal escritor, além da carta a Manuel Lopes sobre as divulgações das 1ª e 2ª publicações da *Revista Claridade*, dedica a Jorge Barbosa o poema *Recado para o arquipélago* (1946):

Jorge Barbosa,
em Cabo Verde te imagino
olhando o céu-triste menino

da Ilha do Sal.

Ah! Horizonte do destino!
Ah! Solidão da água amargosa!
Nascer poeta é sempre um mal
Seja onde for - Jorge Barbosa!
Águas e céu, é tudo estreito, Jorge Barbosa.
Cada um de nós leva no peito
a Ilha do Sal.

No poema acima, observa-se um sentimento de solidariedade do eu poético para com Jorge Barbosa, em que se imagina a solidão desse poeta que deseja sair de Cabo Verde, mas tem que ficar, que luta pela independência de sua nação. Nos versos do poema também há relação de proximidade, seja pelo fato de

tanto Jorge quanto Ribeiro serem poetas, seja pela semelhança cultural dos países colonizados por Portugal.

Na oitava estrofe do poema, o eu-poético expõe um desejo de também conhecer Manuel Bandeira, em quem se inspirou para escrever algumas produções já mencionadas e Jorge de Lima, médico, a quem pede uma receita poética para o tratamento de seu fígado. Em seguida, a estrofe apresenta uma característica própria do falar brasileiro com relação ao emprego de pronomes antes dos verbos, indicando uma aquisição linguística ao afirmar que falaria igual.

Havia então de botar uma fala
ao poeta Manuel Bandeira
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima
para ver como é que a poesia receitava
este meu fígado tropical bastante cansado.
Havia de falar como Você
Com um i no si
— “si faz favor” —
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos
— “mi dá um cigarro!”.

Nos últimos versos, o eu-poético apresenta um sentimento de incapacidade e frustração com relação a uma possível viagem ao Brasil:

Mas tudo isso são coisas impossíveis, — Você sabe?
Impossíveis.

Esse sentimento do eu-poético revela o desejo que se tem de estar com quem compartilha seu ideal, suas lutas e um modo de pensar o colonizador, como aquele ser totalizante que influenciou a cultura africana, que a trouxe para a América e na América se manteve viva, assumindo um Pan-africanismo, um Afropolitanismo da filosofia africana que se refere à libertação do povo das amarras colonialistas e pensares presos ao passado.

A pesquisadora Elsa Rodrigues dos Santos declarou que Jorge Barbosa não se considerava culto, porém o era no desejo de apreender o conhecimento do mundo e de tecer indagações, ou seja, Jorge Barbosa possuía uma visão de mundo afropolitana. Além disso, “nessa ânsia pelo desconhecido sonhou muitas viagens, sobretudo para o Brasil, que nunca realizou” (Santos, 1989, p. 28).

Mediante ao exposto, fica a clara a relação existente entre a escrita poética de Jorge Barbosa e a filosofia afropolitana, tendo em vista que nos versos declamatórios há sempre a busca por enfatizar um sentimento de aproximação entre Brasil e Cabo Verde, valorizando as características de cada um, enaltecendo as semelhanças culturais, os valores ancestrais, mesmo apresentando um desapontamento com relação às diferenças geográficas. Ademais, a circulação entre os mundos se dá através de uma mobilidade que abre espaço para pensar o Outro a partir de si.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou fazer uma análise dialógica entre Brasil e Cabo Verde através do Afropolitanismo, corrente filosófica africana. Para tanto, houve um estudo mais atento acerca do termo e seu sentido enquanto um pensamento estético, uma visão de pensar e ver o continente e o sujeito africanos, para então seguir para a análise da Literatura Caboverdiana através de Jorge Barbosa, com destaque para o poema *Você, Brasil* (1956).

No estudo, optou-se por um percurso que explica o Afropolitanismo de Achille Mbembe, enquanto uma forma de pensar a África em relação ao mundo que ultrapassa a busca

de uma identidade perdida não menos importante. Em seguida, passou-se a entender Jorge Barbosa como um poeta caboverdiano que ajudou a construir a Literatura de Cabo Verde, com sua contribuição na criação da *Revista Claridade*. Além disso, verificou-se uma proximidade entre a escrita poética de Jorge Barbosa e autores brasileiros, como Manuel Bandeira, no que tange ao cotidiano do negro pós independência que não só luta contra as consequências deixadas pelo processo de escravização, mas também vê nessa aproximação uma imersão cultural.

Na análise do poema *Você, Brasil*, evidenciou-se um entrelaçar cultural entre Brasil e Cabo Verde, um encontro poético entre países colonizados por Portugal, e, com essa característica comum que influenciou suas semelhanças culturais, revelou-se uma circulação entre mundos, uma transnacionalidade que se caracteriza pelo movimento e que se renova no comunicar-se com o Outro, permitindo um conhecimento amplo, mas que não nega o que foi vivido, o que foi violado que os pilares da filosofia africana buscou resgatar. Ademais, nas estrofes há um desejo de conhecimento tátil do que já se conhece e, apesar de um eu-poético decepcionado com a diferença geográfica entre Brasil e Cabo Verde, há um sentimento honroso de pertencimento à pátria.

Portanto, Jorge Barbosa, em seu tecer literário, comunga com as ideias do Afropolitanismo, pois, ao visualizar mundos em seus versos com suas semelhanças e diferenças, faz o movimento de devir, propiciando ao leitor um conhecimento amplo do ser-mundo.

Referências

- BANDEIRA, Manuel. *Poema tirado de uma notícia de jornal*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/04/02/poema-tirado-de-uma-noticia-de-jornal-manuel-bandeira>. Acesso em 12 jan. 2024.
- BARBOSA, Jorge. *Você, Brasil*. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/voce-brasil-dialogo-poetico-brasil-cabo-verde>. Acesso em 10 jan. 2024.
- BARBOSA, Jorge. *Prelúdio. escritos africanos de língua portuguesa.pdf*. Disponível em: https://projetos.unioeste.br/especializacao/afroindigena/docs/escritos_africanos_de_lingua_portuguesa.pdf. Acesso em 10 jan. 2024.
- COUTO, Ribeiro. *Recado para o Arquipélago*. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/voce-brasil-dialogo-poetico-brasil-cabo-verde>. Acesso em 10 jan. 2024.
- DEM, Alassana. *A construção do pensamento mundo: a partir do Afropolitanismo em Achille Mbembe / Alassana Dem.* – 2017.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação na América Latina*. Editora Unimep, São Paulo, 1977.
- GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde e Brasil: *Um amor pleno e correspondido*. In: _____. Cabo Verde: literatura em chão de cultura. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia, CV: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2008. p. 111-124.
- Jornalista brasileira realiza pesquisa inédita sobre a música de Cabo Verde*. Globo Universidade, 2012. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/04/jornalista-brasileira-realiza-pesquisa-inedita-sobre-musica-de-cabo-verde.html>. Acesso em 14 jan. 2024.
- LARANJEIRA, Pires. *Literatura Calibanesca*. Porto: Edições Afrontamento, 1985.
- MONTEIRO, Ivan Luiz. *Introdução ao pensamento filosófico africano*. Curitiba, 2020.
- MBEMBE, Achille. *Afropolitanismo*. Tradução: Cleber

Daniel Lamberta da Silva. 2015. Disponível em: https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/74/pdf_1
Acesso em 21 jul. 2024.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Pedago, Luanda: Mulemba, 2014, 200p. (Coleção Reler África).

OLIVEIRA, Vera Lúcia. *Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar*. Navegações, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 84-87, jan./jun. 2010.

SANTOS, Elsa R. *As Máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana*. Lisboa: Caminho, 1989.

SANTOS, Elsa R. *Ocorrência em Birmingham*. In: Jorge Barbosa: poesia inédita e dispersa. Lisboa, p. 148, 1993.